

REVISTA

SINPACEL



ANO 02 • Nº 07

07

**UM ANO DE RETRAÇÃO
PARA O SETOR**

Leia a matéria completa na pág. 08



www.sinpacel.org.br

Sindicato das Indústrias de Papel, Celulose
e Pasta de Madeira para Papel, Papelão e de Artefatos de Papel
e Papelão do Estado do Paraná

Promover a inovação e a competitividade. Esse é papel do BRDE.

O **BRDE** conta com linhas específicas para financiamento de projetos, produtos, processos e empresas inovadoras, como as startups. O banco oferece assessoria técnica de especialistas para encontrar a solução de crédito ideal para o seu negócio. **BRDE**. Sempre ao lado de quem inova.



TRADE

Ouvidoria DDG 0800.600.1020

BRDE
35
a n o s

brdepr@brde.com.br | 41 3219-8150

BRDE
BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO
DO EXTREMO SUL



EDITORIAL

E OS BRASILEIROS, ONDE ESTÃO?



Mesmo vendo todo esse circo que virou a política brasileira, confesso que ainda mantinha uma posição de otimismo. Estava propenso a acreditar que o pessimismo dos brasileiros era só por conta do nosso velho "complexo de vira-lata" - uma sociedade que é destrutiva e que se coloca numa situação de pobre e desonrada. Mas depois de toda essa confusão envolvendo o impedimento da presidente Dilma Rousseff, vejo que esqueceram novamente do Brasil. Só se discute a questão do poder. Mas onde estão os esforços para resolver o problema dos 12 milhões de desempregados no país? Nada disso está sendo visto. Os políticos vão propor reformas, mas não para os brasileiros. Reforma para fechar a conta de caixa do governo, que certamente vai nos afetar. Possivelmente teremos aumento de impostos e mudanças na aposentadoria. Isso mostra o que é o Brasil.

O espetáculo feito no Senado Federal envergonha o país. É ilusório acreditar que o governo agora efetivado consiga implementar medidas de interesse do Brasil ou dos brasileiros.

Um exemplo é a farra com o dinheiro público. O governo tem um diagnóstico de tudo o que é gasto, mas por que não encontra saídas para melhorar as contas? Por que não corta gastos como todo empresário está fazendo nestes anos de crise? Por que não se faz algo de impacto para a sociedade, e não somente para resol-

ver o próprio orçamento para continuar gastando?

Por isso, de novo eu digo que estamos à procura de um brasileiro. Não é Temer, nem Dilma, nem ninguém que está lá. Precisamos urgentemente mudar todo esse modelo, fazer uma mudança radical, porque o modelo está esgotado. Esse modelo só serviu para alimentar a volúpia do Estado de jogar dinheiro fora, desperdiçar, fazer política partidária.

O Brasil está sendo esquecido. Mas o brasileiro também precisa mudar a postura de "complexo de vira-lata", como já falei anteriormente. Aqui as pessoas querem as coisas não pelo interesse da maioria, mas pelo interesse individual. Só que esse não é o caminho. O poder tem que ser da sociedade, não de um grupo que tem o controle de tudo. Pode parecer meio utópico, mas um dia isso vai ter que mudar.

Olhemos para as Olimpíadas. O mundo enxergou o Brasil pelos Jogos Olímpicos, o que não aconteceu na

Copa do Mundo. Mas o brasileiro, quando é contrário a uma proposta, como era contrário à Olimpíada e à Copa do Mundo, simplesmente tenta combater a proposta, sendo que deveria aprender a aplaudir o que é bom, mesmo sendo contrário. O não concordar não significa gerar opinião negativa. As próprias ideologias deveriam ter essa proposta. Defenda a sua ideia, mas não tente destruir a ideia do outro. Quem é contrário a uma proposta deve defender uma alternativa, e não lutar para que nada aconteça.

A política que se faz hoje no Brasil é reflexo de tudo isso. É uma política destrutiva, para atender aos interesses de minorias que detêm o poder. Em um ano eleitoral, temos mais uma chance de mudar esse cenário. Precisamos procurar entender as propostas dos candidatos, a opinião deles e a forma de ver os problemas, para escolher aquele que vai representar, efetivamente, os anseios da sociedade.

É hora de votar bem! Por isso, convido todos a conhecerem o "Vote Bem - Confirme que você é consciente", movimento apartidário de conscientização política criado pela Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) e que conta com o apoio de mais de 100 instituições. Acesse o site www.votebem.org.br e participe também!

Rui Gerson Brandt
Presidente do Sinpacel

EXPEDIENTE

Rua Brigadeiro Franco, 3389
Curitiba/PR - CEP: 80.250-030
Tel.: (41) 3333-4511
www.sinpacel.org.br

REVISTA SINPACEL É UMA PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL DO SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE PAPEL, CELULOSE E PASTA DE MADEIRA PARA PAPEL, PAPELÃO E DE ARTEFATOS DE PAPEL E PAPELÃO DO ESTADO DO PARANÁ.

DIRETORIA EXECUTIVA: EFETIVOS: • Presidente - Rui Gerson Brandt • Vice-Presidente - José Eduardo Nardi • 1º Secretário - Samuel Leiner • 2º Secretário - Francisco de Paula Martines Payno • 1º Tesoureiro - Carolina van der Laars Ribeiro • 2º Tesoureiro - Celso Rufatto • Diretor Técnico - Fernando Wagner Sandri • SUPLENTE: • Arthur Canhisares • Celso Luiz Zagorski • Manoel Lacerda Cardoso Vieira • Hildebrando Reinert • Eduardo Antonio Martins Cravo • Altamir Borges de Camargo. CONSELHO FISCAL: EFETIVOS: • Francisco Cianfarani • Olivier Borgo Neves • José Luiz Domingues • SUPLENTE: Cláudio Cabral • Milton Hörlle • Alberto de Souza. • A Revista Sinpacel é um informativo trimestral, produzido e Editado pela Interact Comunicação. • JORNALISTA RESPONSÁVEL: Juliane Ferreira Mtb 04881 - DRT PR • REDAÇÃO: Maureen Bertol. • PROJETO EDITORIAL: VX3 Comunicação.

LEVANTAMENTO VAI MOSTRAR A REALIDADE DAS EMPRESAS DO SETOR DO PARANÁ

Segunda edição do Panorama Setorial já está sendo produzida; previsão é de que o documento seja lançado até a metade de dezembro

“As empresas se conhecem, mas o setor, de modo geral, não. Então, o panorama vem para preencher essa lacuna.

(Rui Gerson Brandt,
presidente do Sinpapel)

”

PANORAMA
SETORIAL

CELULOSE, PAPEL, EMBALAGENS E ARTEFATOS DE PAPEL DO ESTADO DO PARANÁ

“ Os dados servem para balizar o planejamento estratégico da empresa e ajudar nas tomadas de decisões.

(Mitsuo Nakandakari,
gerente administrativo da unidade
do Paraná da Papel e Papelão Nossa
Senhora da Penha)

”

Além de ser um dos principais segmentos da economia brasileira, o setor de papel e celulose também coloca o Brasil como destaque na economia mundial, já que o país é o quarto maior produtor de celulose e o nono maior produtor de papel. No mercado interno, um dos principais Estados é o Paraná, que responde por 20,8% da produção nacional de papel e 9,8% da produção nacional de celulose. Mas mesmo diante de números tão expressivos, como identificar os investimentos que o setor precisa?

Para atender à demanda de informações básicas do segmento de papel e celulose, o Sinpacel desenvolveu, em 2014, em parceria com a Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), o Panorama Setorial de Celulose, Papel, Embalagens e Artefatos, que trouxe dados sobre as diversas indústrias que compõem o setor para pensar em ações específicas voltadas para o seu desenvolvimento. Com o sucesso do estudo, que foi pioneiro no Paraná, as duas entidades já estão preparando a segunda edição do Panorama, com uma grande novidade: a inclusão de uma abordagem qualitativa. “Como queríamos melhorar as informações, resolvemos, além de dados quantitativos, buscar a visão do empresário sobre o setor”, conta Angela Finck, executiva do Sinpacel e coordenadora do projeto.

Outra grande mudança do novo

Panorama Setorial é que o número de empresas participantes aumentou. Além disso, foi contratada uma empresa especializada em pesquisa - a Diferencial Pesquisa de Mercado - para comandar a etapa de levantamento de dados. Na parte qualitativa, uma equipe formada por colaboradores do Sinpacel e economistas da Fiep selecionou 11 empresas do universo de papel e celulose, de diferentes segmentos e portes, para fazer a entrevista presencial.

“Com essas mudanças, teremos dados quantitativos, mas também a visão de alguém à frente do negócio, que sente o mercado. Poderemos cruzar essas informações com os dados oficiais e também aqueles dados obtidos na etapa quantitativa. Nosso objetivo é enriquecer o panorama e torná-lo mais real, com uma análise mais profunda sobre o setor para agregar valor às informações”, declara Angela.

Para Viviane Gariba de Souza, analista técnica da gerência de Economia, Desenvolvimento e Fomento da Fiep, a etapa qualitativa é importante para trazer informações como expectativa do mercado e de investimento, mudanças no comportamento do consumidor final, mudanças no mercado por variáveis econômicas e sociais que podem interferir em cada um dos setores, entre outros pontos. A nova edição do Panorama deverá estar pronta até o fim de novembro, para que o lançamento oficial seja feito até a metade de dezembro.

“O que percebemos nessas entrevistas é que mesmo diante de um mercado não tão favorável, os empresários não deixaram de realizar investimentos. Outro ponto que chama a atenção é a receptividade das empresas. Todos tiveram grande disponibilidade para fornecer informações e tudo isso contribui para que o resultado final do trabalho seja, de fato, satisfatório e traga dados consistentes e importantes para mostrar a realidade do setor”, avalia Gariba.

Uma das empresas participantes da etapa qualitativa foi a Fábrica de Papel e Papelão Nossa Senhora da

Penha. De acordo com Mitsuo Nakandakari, gerente administrativo da unidade do Paraná, a entrevista foi como um bate-papo sobre o setor e o seu desempenho, e vai mostrar a visão da empresa com relação ao futuro e aos investimentos. “Esse levantamento é muito importante, porque traz a visão da indústria de modo geral e de seus segmentos. Os dados servem para balizar o planejamento estratégico da empresa e ajudar nas tomadas de decisões. Quanto maior a adesão das empresas, mais reais são os dados. Consequentemente, as decisões são mais acertadas. Isso é importante, porque pode ajudar a alavancar os negócios”, define.

CURRÍCULO DO SETOR

Para Rui Gerson Brandt, presidente do Sinpacel, o Panorama Setorial serve como um “currículo”, porque é uma forma de o setor se apresentar aos mercados paranaense e brasileiro. Portanto, segundo ele, “quanto mais rico for esse currículo, maior a oportunidade de ocupar espaço e de conseguir aquilo que se pretende”.

Brandt afirma, ainda, que o documento poderá também atrair outros segmentos. “Se mostrarmos que somos um setor organizado, inovador, forte, que investe e que cumpre seu papel na sustentabilidade, quem olha para o setor vai olhar com outros olhos, inclusive para ajudar”, avalia.

Com relação à expectativa para o lançamento da segunda edição, o presidente do Sinpacel espera que o documento seja um sucesso, já que o primeiro Panorama teve uma ótima aceitação. Ele conta que foi esse sucesso que impulsionou o desenvolvimento do segundo estudo.

“Temos que ter esse conhecimento para saber o que queremos daqui para frente. Se o setor não se conhece, como vai batalhar por melhorias? As empresas se conhecem, mas o setor, de modo geral, não. Então, o panorama vem para preencher essa lacuna”, completa. ■

FLORESTAS PLANTADAS

PARANÁ TERÁ POLÍTICA PARA FLORESTAS PLANTADAS

Projeto de Lei terá como base trabalho realizado em conjunto entre setores privado, público e universidades



O TAMANHO DA BASE FLORESTAL



Representa 13,7% das exportações do agronegócio paranaense e 15,05% das exportações de produtos florestais do Brasil;



Gera 76 mil empregos diretos e 158 mil indiretos na cadeia produtiva no Brasil;



O Paraná tem 1,2 milhão de hectares em cultivos florestais;



A produção total do Paraná é de 47 milhões de metros cúbicos.



Um grupo de trabalho (GT) formado pela Emater, a Associação Paranaense de Empresas de Base Florestal (Apfe), a Embrapa Florestas, universidades e outras entidades do setor de florestas plantadas está produzindo um anteprojeto de Lei para regulamentar a atividade de cultivos florestais no Paraná. Os trabalhos começaram em abril deste ano e o GT já apresentou, durante audiência pública na Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) realizada em julho, um Plano Estadual de Cultivos Florestais, que está servindo de subsídio para o projeto de Lei. O próximo passo do grupo será revisar o plano e apresentar, até o fim do ano, o documento aos deputados estaduais, com o apoio do Bloco Parlamentar Agropecuário da Alep.

Amauri Ferreira Pinto, coordenador estadual de Produção Florestal da Emater e coordenador do grupo de trabalho, afirma que a nova política pública sobre cultivos florestais deve ser urgentemente implementada para que seja possível suprir a demanda atual e também a futura expansão das atividades de produção primária e industrial do setor. Tudo isso vai promover a geração de empregos e o aumento da renda, tanto na zona rural como urbana.

"Essa política servirá para ampliar a base de cultivos florestais do Paraná e ajudará a transformar o Estado no maior produtor de madeira plantada do Brasil, sob a égide da sustentabilidade, com foco em todas as propriedades rurais, priorizando a forma de

mosaico florestal produtivo e qualidade da madeira e de produtos não madeireiros", diz.

No modelo proposto pelo grupo de trabalho, a expansão da base florestal produtiva vai enfatizar as pequenas áreas de produção nas propriedades rurais, o que vai configurar uma grande área florestal dividida em um grande número de propriedades rurais – o chamado Mosaico Florestal Produtivo na Paisagem. Segundo o coordenador do GT, este conceito reduz os impactos ambientais e contribui para a conservação dos solos e produção e manutenção de água, além de dividir os benefícios econômicos da atividade. Num horizonte de 50 anos, a proposta do grupo é ampliar a base florestal estadual para dois milhões de hectares.

Na avaliação de Rui Gerson Brandt, presidente do Sinpacel, tudo aquilo que se refere às indústrias de base florestal tem importância para o setor, principalmente com relação à madeira, que é tanto uma matéria-prima, como um insumo para geração de energia. "É importante ter um plano para regularizar o setor, para que se possa almejar também no futuro um aumento da produção de celulose no Estado. Ter uma política pública é fundamental para alavancar investimentos privados", garante.

Para Carlos Mendes, diretor executivo da Associação Paranaense de Empresas de Base Florestal (Apfe), o Paraná é um dos Estados que tem um setor florestal completo, pois possui florestas plantadas, empresas de transformação formadas por centenas de serrarias, além de uma posição muito forte nos segmentos de papel e celulose, de chapas e de energia. Por isso, é um Estado que está pronto para se desenvolver. "Com este grupo de trabalho, temos a esperança de implementar a política de florestas plantadas para o desenvolvimento do setor florestal", declara.

A comissão formada para produzir o relatório, o plano estadual e o anteprojeto de Lei abrange todas as cadeias produtivas e tem foco na sustentabilidade. Além disso, o grupo levou em conta as diferentes realidades presentes no Paraná. ■



LABORATÓRIO SINPACEL: MAIS CREDIBILIDADE AO SEU PRODUTO.

**Acreditado pela CGCRE (Coordenação Geral de Acreditação do Inmetro),
o Laboratório Sinpacel atende a todos os requisitos da norma NBR ISO/IEC
17025 nas determinações dos seguintes ensaios:**

Gramatura; Resistência à tração a úmido; Propriedades de tração – parte 2: método da
velocidade constante de alongamento; Índice de maciez; Resistência à compressão de
coluna; Pintas; Furos; Medida do fator de reflectância difusa no azul (Alvura ISO);
Tempo e capacidade de absorção de água - método de imersão em cesta;
Capacidade de absorção de água - método de Cobb.

**Para conhecer a relação completa de ensaios, acesse o site:
www.sinpacel.org.br/laboratorio.**



Integrante da Rede Brasileira de Laboratórios de ensaios.

**Produtos analisados: Caixas de papelão ondulado, papelcartão, artefatos, papéis para fins
sanitários e matéria-prima para fabricação de papel.**

CAPA





UM ANO DE RETRAÇÃO PARA O SETOR

Empresários apontam que 2016 seguiu a expectativa de queda, mas atingiu a estabilidade

Como os especialistas previam, 2016 está sendo um ano difícil. Somente nos três primeiros meses do ano, a economia brasileira teve uma retração de 0,3%. De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o país está “mergulhado” numa recessão profunda, por conta do aumento da dívida pública e, ao mesmo tempo, a crescente taxa de desemprego. E mais: segundo a projeção do fundo feita em abril, o Brasil deve fechar 2016 com uma redução de 3,8%. Em julho, um novo relatório mostrou a expectativa de uma retração “menos brusca”, mas, ainda assim, ruim. E essas projeções negativas vêm acontecendo desde 2012.

Para a Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), este ano tem sido bastante desafiador, ainda com perspectiva de recessão e inflação alta. Um dos grandes problemas foi o aumento dos custos, que afetou as indústrias em 2015 e continua tendo impacto em 2016. Mas as exportações fortes ainda estão ajudando a equilibrar as

receitas das empresas. Nos seis primeiros meses, a balança comercial do setor brasileiro de árvores plantadas teve um saldo de US\$ 3,3 bilhões, o que significa um número 12% maior ao mesmo período do ano passado. Com relação à receita de exportações, a Ibá apontou que as vendas de celulose para fora do país, por exemplo, atingiram 6,4 milhões de toneladas, o que mostra um crescimento de 16,1% contra os 5,5 milhões de toneladas exportados em 2015.

Na produção de celulose, o Brasil alcançou nove milhões de toneladas nos seis primeiros meses do ano, um aumento de 9,1% em comparação com o ano passado. Já o papel teve alta de 0,5%, fechando 5,2 milhões de toneladas produzidas. Ainda de acordo com o relatório da Ibá, no mercado interno as vendas de papel registraram estabilidade, com 2,6 milhões de toneladas.

Mas mesmo com números aparentemente positivos divulgados pela Ibá, a opinião dos empresários de dife-

rentes segmentos do setor de papel e celulose é unânime: 2016 foi péssimo para o setor. A Revista do Sinpacel ouviu alguns desses empresários para entender como a economia se comportou nos primeiros seis meses.

Para Rui Gerson Brandt, presidente do Sinpacel, o setor de modo geral flutua da seguinte maneira: no mercado interno, a situação é preocupante, por conta da elevação de custo e a retração do mercado. Mas para quem opera no mercado externo, a questão cambial ajuda, por conta do dólar mais valorizado. "Nas duas situações o setor vai pagar um preço para o segundo semestre, porque não são situações confortáveis. A tendência para os últimos seis meses de 2016 é de uma estabilidade, mas isso não significa que o setor está bem", declara.

José Eduardo Nardi, diretor industrial da Iguaçu Celulose, Papel S/A, avalia que o mercado no momento está estável, mas teve uma queda expressiva no primeiro semestre, em comparação com o mesmo período do ano passado. No segmento de saco de cimento, por exemplo, o mercado caiu 15% em relação a 2015. E de 2015 para 2014, a queda também teve o mesmo índice. Tudo isso, segundo ele, afetou muito as empresas que atuam principalmente no mercado interno. "Os números ruins começaram a aparecer em 2013 e, entre os motivos, está a inadimplência, que aumentou. Vendemos menos e recebemos menos", diz Nardi.

No segmento de alimentação, a queda foi ainda maior, chegando a 20%. É o que aponta Hildebrando Tuca Reinert, diretor-presidente da Leal Indústria e Comércio de Papeis. "Costumo dizer que caímos para o terceiro subsolo. Agora, paramos de cair, mas vamos demorar muito para chegar ao térreo. Confesso que estava mais otimista para esse ano, com a esperança de que o governo fizesse algo para segurar a economia, mas o que se viu foi um ano catastrófico", admite.

Outro grande problema apontado pelos empresários para o ano ruim são as margens, que, segundo eles,

"estão apertadíssimas". Claudio de Pauli, do conselho de Administração da Cocelpa, lembra que o custo aumentou significativamente, os juros estão altos e as margens caíram. "Com tudo isso, não tem como segurar o faturamento. No setor industrial de papéis para cimento, tivemos uma queda de produção na casa dos 50%. Por isso, não podemos ser muito otimistas. Para conseguir mudar, o primeiro passo é o controle da inflação, porque, hoje, alimenta-se a inflação para que ela seja um instrumento de arrecadação", avalia.

E como uma queda leva a outra, o momento ruim vivido pela construção civil também tem levado outros mercados para baixo, como o de colmeias de papel voltadas para o miolo de portas. Olivier Neves, da Ecoplan Colmeias de Papel, disse que a queda do segmento foi em torno de 25% de 2015 para cá. "O ano passado foi muito ruim e o primeiro trimestre de 2016 também. Caímos até março, agora estamos mais estáveis. Não crescemos, mas também não estamos caindo. Além disso, os preços estão menores", revela.

No segmento de embalagem e papel-cartão, a realidade não é muito diferente, segundo Fernando Sandri,

diretor industrial da Ibema. A queda foi de 6%, mas ele lembra, ainda, que o mercado não cresce há muitos anos, porque depende diretamente da economia interna. Ou seja, com a queda da renda das famílias, o mercado parou.

"Nosso segmento está diretamente ligado ao desemprego. Se aumenta o desemprego, as famílias deixam de consumir e cortam as compras. Também tentam substituir os produtos por aqueles mais baratos. É nesse cenário que estamos trabalhando no momento", comenta.

Para Sandri, a grande dificuldade está no repasse de preços para o mercado, e a inflação é um fator presente e contínuo. De acordo com o diretor industrial da Ibema, o segundo problema é que para tentar se manter no mercado, as empresas precisam reduzir custos, mas, para isso, é preciso renovação e investimento. "Só que as condições atuais de investimento no Brasil são terríveis. Não se tem dinheiro para financiamento de longo prazo, e emprestar dinheiro na taxa de juro que existe hoje é suicídio. Não temos mercado nem acesso a capital. É um cenário que precisa mudar efetivamente para que possamos ter condição de desenvolver", garante.



ENFRENTANDO A CRISE

Quando a economia está difícil, as empresas precisam ser criativas para sobreviver. E para os empresários ouvidos pelo Sinpacel, a melhor dica é o corte de despesa. "Não tem outra saída", define Celso Rufatto, diretor industrial da Relevo Artefatos de Papel. "Investir em tecnologia também é uma boa opção", diz.

Para Tuca Reinert, o foco da Leal Indústria e Comércio de Papéis está no aumento de produtividade, diminuição de perdas e melhoria da eficiência em todos os aspectos. "Diminuímos turno, hora extra e até material de escritório. Estamos cortando tudo o que podemos e estamos priorizando a racionalização de estrutura. Por isso, o segredo para conseguir sobreviver é enxugar", destaca.

Além de todos esses pontos, Claudio de Pauli também aposta na terceirização. "As empresas vão se concentrar em suas atividades-fim. Por isso, a terceirização no sentido de aumentar a eficiência é boa. Quando falamos em enxugar, não estamos falando em aumentar o desemprego, mas em aumentar eficiência", acredita.

EXPECTATIVA PARA 2017

Segundo o relatório divulgado pelo FMI, a expectativa é de que a



economia volte a crescer no próximo ano, mesmo que lentamente. Ainda haverá retração, mas a projeção é de que o país "encolha" somente 3,3%, contra os 3,8% estimados para 2016. Isso quer dizer que o fundo prevê um crescimento de 0,5% no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Essa é a primeira vez desde 2012 que o FMI divulga uma expectativa positiva sobre a economia do Brasil. Porém, o relatório aponta que ainda há incertezas políticas e isso pode influenciar nas projeções.

Para os empresários ouvidos pelo Sinpacel, o próximo ano deve ser igual a 2016, mas no sentido da es-

tabilidade. Não vai cair, nem crescer, dizem eles. "Isso não significa que tenhamos um quadro bom. Só esperamos que não piore", diz De Pauli.

E para que o setor consiga novamente avançar, a expectativa deles é de que a recuperação só chegue em 2020. "Para recuperar a queda acentuada que tivemos, vamos enfrentar muitos anos difíceis. Se caímos 30% de 2013 para cá, teríamos que subir 5% real ao ano para chegar em 2020 mais estabilizados. Por isso, estamos sendo bem otimistas. Mas esse é justamente o papel do empresário: manter o otimismo e buscar alternativas", finaliza.



O QUE O SETOR FLORESTAL PRECISA PARA CRESCER?

Para a Indústria Brasileira de Árvores (Ibá), o setor florestal é um dos setores que impulsiona a economia brasileira. Mas, para que isso continue sendo realidade, a entidade defende os seguintes pontos:

- Estabelecer políticas públicas claras que atuem com a desoneração tributária de investimentos;
- Resolver os principais entraves de infraestrutura e logística;

- Desburocratizar os processos como o licenciamento ambiental e a revisão da restrição para a aquisição de terras por empresas de capital estrangeiro;

- Adotar mecanismos de incentivos, como a criação de remuneração aos provedores de serviços ecossistêmicos e a substancial ampliação da área de florestas sob manejo sustentável. ■

INOVAÇÃO COM FOCO EM SUSTENTABILIDADE

Empresa paranaense lança cabide ecológico de papelão. Criação é a primeira no Brasil.



Uma empresa paranaense é a primeira do Brasil a produzir cabides ecológicos, feitos em papelão. A Indústria de Papelão Hörlle, associada ao Sinpacel, desenvolveu, a partir de uma pesquisa de mercado, um produto adaptado à realidade brasileira.

O material, que de acordo com ensaios realizado pelo Inmetro suporta um peso de até 2,5kg, apresenta como vantagens competitivas um menor custo com transporte, já que é mais leve e fácil de empilhar.

As vendas começaram no fim do ano passado e, aos poucos, o produto vai ganhando espaço. De acordo com Milton Hörlle, sócio-proprietário da indústria, que está à frente da empresa juntamente com seu irmão, Marcos Hörlle, o mercado está começando a entender o produto. No mês de agosto, a empresa participou da feira LATAM Retail Show, que aconteceu

em São Paulo (SP) e apresentou as mais inovadoras soluções de todo o mundo para o varejo. Na avaliação de Hörlle, o evento foi interessante e diversos segmentos conheceram o cabide ecológico. "Nossa proposta é comercializar o produto nos segmentos de lavanderia, hotelaria e comércio em geral. É importante lembrar que o cabide não serve somente para organizar as roupas; ele pode ser também um meio de comunicação, já que, por ser de papelão, é possível imprimir qualquer informação nele", lembra.

No momento, o cabide ecológico está sendo comercializado por e-commerce e as vendas, segundo Milton, vêm crescendo de 5% a 10% a cada mês. O próximo passo é ampliar a equipe comercial. Hoje, a indústria tem capacidade para produzir até 500 mil unidades por mês dos

cabides.

"O nosso foco é atender à necessidade do cliente. Por isso, estamos sempre procurando desenvolver produtos inovadores", garante Milton.

SUSTENTÁVEL

Além das vantagens comparativas em relação ao custo, o cabide ecológico carrega o apelo da sustentabilidade. De acordo com o levantamento realizado pela empresa, no Brasil, em média, 80% dos cabides são feitos de plástico ou arame, materiais que podem levar até 450 anos para se decompor, enquanto o papelão é 100% reciclável. Além disso, um estudo realizado nos Estados Unidos apontou que a quantidade de cabides descartados por ano pelos norte-americanos equivale à altura do Empire State, que tem 381 metros. ■

MILI QUER CRESCER NAS CLASSES A E B

Mesmo com a retração da economia, a empresa aposta em investimento para se manter competitiva

Depois de 33 anos bem consolidados na fabricação de produtos populares para fins sanitários, uma das empresas associadas ao Sinpacel e genuinamente paranaense está dando um passo a mais para crescer no mercado brasileiro. A Mili, que fez investimentos na casa dos R\$ 400 milhões entre 2015 e 2016 para modernizar duas fábricas – a de Curitiba (PR) e a de Três Barras (SC), tem o objetivo de crescer também nas classes A e B. De acordo com Valdemar Lissoni, sócio-fundador e presidente da Mili, a empresa está se preparando para 2020. “Nossa projeção é crescer 50% em relação a 2014. Queremos chegar lá como uma empresa bem mais estruturada, com mercado e faturamento maiores”, garante.

Somente em 2016, a companhia já lançou duas linhas de guardanapos de alta qualidade e uma linha completa de absorventes femininos na categoria premium. A previsão é encerrar o ano com um crescimento nominal das vendas de 8% em relação a 2015. Vale ressaltar que com o agravamento da crise econômica e política no ano passado, a retração desse mercado atingiu 0,4% e a Mili apontou queda de 6,6% nas receitas de vendas, que somaram US\$ 228 milhões de dólares. Ainda assim, a rentabilidade sobre o patrimônio líquido foi de 20%, menor do que os 26% do ano anterior, mas a maior do setor de papel e celulose.

Para não perder mercado, nem reduzir o quadro de 1.700 empregados, a empresa cortou a margem de lucro. “Não se consegue, num período de mercado restrito, vender mais e ganhar a mesma coisa, na mesma taxa. Devemos ter perdido de 15% a 20% em 2015 em relação a 2014, no tamanho do resultado”, revela Lissoni.



Para Vanderlei Micheletto, vice-presidente e diretor comercial da Mili, para se manter competitiva e bem capitalizada mesmo em um momento difícil vivido pela economia brasileira, a empresa mantém um esforço constante. “Nosso foco é no potencial de capital e liquidez para fazer compras mais adequadas, reduzir custos, fazer engenharia operacional e incrementar a área de vendas, porque a empresa é esse conjunto”, destaca Micheletto.

Outra aposta da Mili é o desenvolvimento do mercado nordestino, a partir da unidade em Maceió (AL), onde a empresa produz papel higiênico de folha simples. A expectativa é de que as vendas na região cresçam 50% neste ano com foco em produtos populares.

CRESCIMENTO

Na linha de produtos de papel tissue, segmento que a Mili já está consolidada, a empresa ainda enxerga potencial de crescimento, já que o brasileiro consome cerca de 6,5 quilos anuais de papel higiênico, guardanapos e toalha de cozinha. No papel higiênico, que representa 75% do faturamento da Mili, a expectativa também é grande. Em poucos anos, a opção de folha dupla, por exemplo, saiu de 10% para cerca de 30% do mercado nacional.

LANÇAMENTOS

Com os lançamentos das duas novas linhas de guardanapos de alta qualidade e as linhas de absorventes femininos, o planejamento para expansão também olha com mais vigor para o Mercosul, que responde por apenas 2% das vendas. “No Paraguai estamos muito ativos e ganhando participação. No Uruguai também temos negócios e estamos em estudos e negociação na Bolívia”, revela.

Além desses produtos, a empresa também vai apostar nos consumidores que preferem comprar fraldas em grande quantidade. Por isso, a Mili está lançando uma extensão da sua linha infantil tradicional, as fraldas Giga. Serão três tipos disponíveis no mercado, todas em embalagens do tipo sacola, com uma alça resistente desenvolvida especialmente para o produto e que dispensa a sacolinha de supermercado. “Nosso foco é atender quem já compra nosso produto, confia na marca e tem condições de adquirir e armazenar quantidades maiores”, explica Gedieli Carlotto, gerente nacional de Varejo da Mili. ■



CURTAS

INAUGURAÇÃO DA NOVA FÁBRICA DA KLABIN TEM A PRESENÇA DE MICHEL TEMER



A nova fábrica de papel e celulose da Klabin, em Ortigueira (PR), foi inaugurada no fim de junho, e teve a presença do presidente Michel Temer. Batizada de Unidade Puma, a fábrica é considerada o maior investimento privado do Estado – R\$ 8,5 bilhões. O empreendimento levou dois anos para ficar pronto. Na inauguração, Temer destacou que a Klabin está dando um grande salto para o crescimento e desenvolvimento do Brasil e reforçou a importância da iniciativa privada, destacando que esse investimento pode servir de exemplo.

“Um país forte é um país amparado pela atuação da iniciativa privada. E quando falo na iniciativa privada, falo na

conjugação daqueles que empregam e daqueles que são empregados. É a conjugação destas duas forças vivas da nação que faz o país crescer”, disse.

A nova unidade da Klabin começou a produzir em março deste ano e já opera a plena capacidade – 1,5 milhão de toneladas de celulose, sendo 1,1 milhão de toneladas de fibra curta e 400 mil toneladas de fibra longa. A fábrica, que vai gerar 1,4 mil empregos, também será autossuficiente na geração de energia elétrica. Graças a um convênio assinado entre a Klabin e o governo do Estado, os impostos gerados pela unidade, que devem girar em R\$ 300 milhões por ano, serão distribuídos em 12 municípios da região. ■

AGENDA DOS COMITÊS SINPACEL



Os **comitês do Sinpacel** tiveram muito trabalho neste ano e já estão com a agenda fechada até o fim do ano.

AGENDE-SE:

Comitê de Recursos Humanos:

18 de novembro

Comitê de Sustentabilidade:

18 de novembro

Comitê Tributário:

09 de dezembro

Além desses encontros, o Sinpacel também realizará alguns cursos. Confira a agenda na aba ao lado e programe-se.

AGENDA DE CURSOS



OUTUBRO

PROCESSOS DE ACABAMENTO, REVESTIMENTO E FABRICAÇÃO DE PAPEL TISSUE E PAPELÃO ONDULADO

Local: Casa da Indústria Guarapuava
- Av. Sebastião de Camargo Ribas,
2084 – Bonsucesso.

Data: 27 e 28 de outubro de 2016

NOVEMBRO

ENSAIOS E TESTES FÍSICOS E ÓTICOS DO PAPEL

Local: Casa da Indústria Guarapuava
- Av. Sebastião de Camargo Ribas,
2084 – Bonsucesso.

Data: 17 e 18 de novembro de 2016

DEZEMBRO

ENSAIOS E TESTES DE RESISTÊNCIA DO PAPELÃO ONDULADO

Local: Casa da Indústria Guarapuava
- Av. Sebastião de Camargo Ribas,
2084 – Bonsucesso.

Data: 01 e 02 de dezembro de 2016

Para saber mais informações sobre cada curso e ver a agenda completa de 2016, acesse www.sinpacel.org.br.

O Sinpacel oferece
uma série de produtos que
dará maior visibilidade às
ações da sua empresa.

Cotas de Patrocínio

Anúncio na Revista Sinpacel

*Cotas de Patrocínio no
Panorama Setorial 2015/2016*



Entre em contato e descubra as
MELHORES OPORTUNIDADES para a sua marca.

marketing@sinpacel.org.br / Tel: (41) 3333-4511 / www.sinpacel.org.br.

CONHECIMENTO

SOLUÇÕES QUE PROTEGEM SEUS RESULTADOS.



RESULTADO

- MULTAS

+ PREVENÇÃO

- AFASTAMENTOS

+ PRODUTIVIDADE

Proteger os resultados do seu negócio significa reduzir o impacto das multas, afastamentos e indenizações trabalhistas. É por isso que o **Sesi no Paraná** oferece soluções completas, que aumentam a segurança no ambiente de trabalho, melhoram as condições laborais e, mais do que indicar **medidas preventivas e ações corretivas**, compreendem a fundo as necessidades das indústrias para promover uma rotina mais produtiva aos trabalhadores.

Acesse: sesipr.com.br/segurancaesaude ou procure a unidade Sesi mais próxima.

Sesi Segurança e Saúde na Indústria.
Soluções que protegem.

FIEP
SESI
SENAI
TEL

SESI